

Artigo original

O papel do psicólogo frente a situações de desastres

The psychologist's role in disaster situations

El papel del psicólogo en situaciones de desastre

Beatriz Gois de Araujo da Silva¹ Isabella Rodrigues da Silva² Luan Flávia Barufi³ ¹Autora para correspondência. UNIP - Universidade Paulista (São Paulo). São Paulo, Brasil. beatriz.goois@yahoo.com.br^{2,3}UNIP - Universidade Paulista (São Paulo). São Paulo, Brasil.

RESUMO | INTRODUÇÃO: Os desastres são considerados eventos vitimadores que provocam danos psíquicos e sofrimento às pessoas atingidas e esses casos exigem que os psicólogos estejam cada vez mais preparados para atuar nessas circunstâncias. **OBJETIVO:** investigar a atuação do psicólogo frente a situações de desastres. A pesquisa se configurou como qualitativa com delineamento de pesquisa de campo. **METODOLOGIA:** Foram participantes cinco psicólogas com especializações na área de desastres e emergências. O instrumento utilizado para atingir os objetivos da pesquisa foi um roteiro de entrevista semiestruturado composto por sete perguntas semiabertas. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas na íntegra e analisadas por meio da análise de conteúdo. **RESULTADOS:** De acordo com os temas abordados pelas participantes, a atuação do psicólogo em desastres é dividida em: pré-desastre, durante o desastre e pós-desastre, o que dependerá do tipo de evento e condições apresentadas; as vítimas devem receber apoio integral, buscando minimizar os danos gerados pela tragédia. Ressalta-se que não é necessária uma atuação apenas depois que o desastre já ocorreu, mas há, além disso, toda uma preparação no pré-desastre em locais que possuem maior propensão ao acontecimento destes eventos. **CONCLUSÃO:** O trabalho do profissional da Psicologia no campo dos desastres é de extrema importância para as vítimas, os parentes das vítimas, a comunidade como um todo e até para os profissionais envolvidos, podendo reduzir o estresse agudo, que é gerado a partir da experiência traumática, priorizando que o sujeito recupere sua capacidade cognitiva de agir e sentir a situação.

PALAVRAS-CHAVE: Atuação do psicólogo. Desastres naturais. Desastres provocados pelo homem. Equipe de desastre.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Disasters are considered victimizing events that cause psychic damage and suffering to the people affected and these cases require psychologists to be increasingly prepared to act in these circumstances. **OBJECTIVE:** to investigate the role of the psychologist in the face of disaster situations. The research was configured as qualitative with a field research design. **METHODOLOGY:** Five psychologists with specializations in the area of disasters and emergencies participated. The instrument used to achieve the research objectives was a semi-structured interview guide composed of seven semi-open questions. The interviews were audio recorded, fully transcribed and analyzed using content analysis. **RESULTS:** According to the topics addressed by the participants, the psychologist's role in disasters is divided into: pre-disaster, during the disaster and post-disaster, which will depend on the type of event and conditions presented; victims must receive full support, seeking to minimize the damage generated by the tragedy. It is noteworthy that it is not necessary to act only after the disaster has already occurred, but there is, in addition, a whole pre-disaster preparation in places that are more prone to the occurrence of these events. **CONCLUSION:** The work of the Psychology professional in the field of disasters is extremely important for the victims, the victims' relatives, the community as a whole and even for the professionals involved, and can reduce the acute stress, which is generated from the experience trauma, prioritizing the subject to recover his cognitive ability to act and feel the situation.

KEYWORDS: Psychologist's role. Natural disasters. Man-made disasters. Disaster team.

Submetido 26/07/2022, Aceito 15/02/2023, Publicado 16/06/2023

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2023;12:e4755

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2023.e4755>

ISSN: 2317-3394

Editoras responsáveis: Mônica Dalto, Marilda Castelar

Como citar este artigo: Silva, B. G. A., Silva, I. R., & Barufi, L. F. (2023). O papel do psicólogo frente a situações de desastres. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, e4755. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2023.e4755>



RESUMEN | INTRODUCCIÓN: Los desastres son considerados hechos victimizantes que provocan daño psíquico y sufrimiento a las personas afectadas, y estos casos exigen que los psicólogos estén cada vez más preparados para actuar en estas circunstancias. **OBJETIVO:** investigar el papel del psicólogo frente a situaciones de desastre. La investigación se configuró como cualitativa con diseño de investigación de campo. **METODOLOGÍA:** Participaron cinco psicólogos con especializaciones en el área de desastres y emergencias. El instrumento utilizado para lograr los objetivos de la investigación fue un guión de entrevista semiestructurado compuesto por siete preguntas semiabiertas. Las entrevistas fueron grabadas en audio, transcritas en su totalidad y analizadas mediante análisis de contenido. **RESULTADOS:** De acuerdo a los temas abordados por los participantes, el rol del psicólogo en desastres se divide en: pre-desastre, durante el desastre y post-desastre, lo que dependerá del tipo de evento y condiciones que se presenten; las víctimas deben recibir todo el apoyo, buscando minimizar los daños causados por la tragedia. Cabe señalar que no es necesario actuar solo después de que ya haya ocurrido el desastre, sino que existe, además, toda una preparación previa al desastre en los lugares más propensos a la ocurrencia de estos eventos. **CONCLUSIÓN:** La labor del profesional de la Psicología en el campo de los desastres es sumamente importante para las víctimas, los familiares de las víctimas, la comunidad en su conjunto e incluso para los profesionales involucrados, pudiendo disminuir el estrés agudo, que se genera a partir de la experiencia traumática, priorizando que el sujeto recupere su capacidad cognitiva para actuar y sentir la situación.

PALABRAS CLAVE: Actuación del psicólogo. Desastres naturales. Desastres provocados por el hombre. Equipo de desastres.

Introdução

As ocorrências de desastres e emergências crescem todos os dias. O risco de desastre é uma concepção social, sendo mais do que uma questão relacionada à natureza, pois abrange problemas de desenvolvimento social, como os déficits de desenvolvimento e as vulnerabilidades sociais (Rafaloski *et al.*, 2020). Os desastres naturais afetam muitas pessoas em todo o mundo, ocasionando sofrimento físico e psicológico (Alves *et al.*, 2012).

Favero *et al.* (2014) consideram não ser viável utilizar apenas uma definição para o conceito de desastre, pois existem diversas características nos mais variados processos desse fenômeno. Entretanto as definições mais abrangentes são as propostas pela Sociologia, essas partem da avaliação de danos físicos, perdas, rupturas sociais e mudanças na rotina.

Paranhos e Werlang (2015) definem o termo desastre não só como as grandes calamidades que podem gerar comoção em diversas pessoas, mas como eventos que podem impactar diferentes cidades e países. Logo, as emergências e os acidentes podem ser então geradores de crises, sendo capazes de atingirem um grupo de indivíduos, uma comunidade, um sistema ou uma nação. Saito (2015), ao tratar do tema, esclarece algumas nomenclaturas relativas aos desastres: naturais (causados por forças da natureza); biológicos (epidemias e infestações por insetos); geofísicos, (terremotos ou vulcões); climatológicos (secas, temperaturas extremas e incêndios); hidrológicos (inundações) e meteorológicos (tempestades).

Pacheco e Souza (2016) debatem sobre a ocorrência de desastres, destacando que esses não ocorrem apenas por origens naturais ou fatores de difíceis previsões, mas também por outros agravantes que facilitem a sua ocorrência, tais como, o descaso de governantes com as populações que possuem baixa renda econômica e habitam áreas de riscos, sendo que, em muitos casos, essas regiões não recebem auxílio na prevenção de desastres. Nessa direção, Gonçalves (2012) e Weintraub, Noal, Vicente e Knobloch (2015) definem desastres como uma questão social e atestam o fato de que, em muitas tragédias naturais, o que as antecede é o descaso do próprio homem. Sanguibuche (2016) afirma que a ocorrência de um desastre é um resultado de um trajeto de exclusão social, visto que essas situações não ocorrem de uma hora para outra, envolvem diversos fatores negligenciados ao longo do tempo, como o acesso precário à saúde, à assistência, à habitação e o acesso à informação.

Alves *et al.* (2012) afirmam que os desastres naturais têm afetado cada vez mais pessoas em todo o mundo, originando sofrimento psicológico aos indivíduos acometidos. Os autores citam ainda que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), no período de dez anos, entre 2000 e 2010, ocorreram 60 desastres naturais apenas no Brasil. Segundo a ONU (2015), o Brasil é o décimo país com maior número de afetados por desastres nos últimos 20 anos.

Segundo [Paranhos](#) e Werlang (2015), a partir da ocorrência de alguns desastres, a população brasileira, em geral, sofreu danos de diversas proporções e consequências. Os autores apontam acontecimentos, tais como o incêndio que ocorreu na Boate Kiss no ano de 2013, na cidade de Santa Maria/RS, que ocasionou a morte de centenas de jovens. [Paranhos](#) (2015) também faz menção aos desastres naturais, que têm se intensificado nos últimos anos, como as chuvas na região serrana do Rio de Janeiro/RJ, em 2011; a crise hídrica no estado de São Paulo entre os anos de 2014 e 2015; o rompimento da barragem em Mariana/MG em novembro de 2015, considerada por especialista como uma das maiores tragédias com danos ambientais. [Mansano](#) (2019) cita o desastre ambiental em Brumadinho/MG em janeiro de 2019, com o rompimento da barragem de rejeitos que causou a liberação de milhões de litros de lama e a morte de mais de 300 pessoas e 11 desaparecidos, sendo essa considerada a maior tragédia no Brasil.

A ocorrência de desastres podem causar danos e perdas irreparáveis. O sofrimento vivenciado por uma pessoa vítima de desastres pode ser devastador. Sentimentos, como impotência, esquivar-se a estímulos relacionados, medos e até sonhos alucinatórios são muito comuns ([Roos](#) & Menezes, 2015). Há casos em que o sujeito pode ter manifestações psicológicas de forma multifacetada, ou seja, mostram-se episódios de desorganização psíquica e ansiedade com duração e temporalidade variável, e, ainda, podem ocorrer sensações de angústia, desamparo e desconhecimento ([Weintraub et al.](#), 2015). Esses sentimentos são inteiramente compreensíveis, já que, na maioria dessas situações, além do trauma pelo ocorrido, o sujeito muitas vezes terá de lidar com diferentes tipos de perdas, tais como, perdas materiais, familiares ou até mesmo perda de um ou mais dos seus membros físicos.

[Machado](#), Moraes e Cohen (2009) afirmam que os desastres podem provocar graves impactos sobre a população afetada, portanto, não é indicado que sejam analisados como fatores independentes do âmbito social. As consequências dos desastres devem ser abordadas em um contexto psicossocial, visto que as catástrofes ocorrem em situações que expressam a materialização de uma vulnerabilidade e impotência. Ademais, a [Associação Brasileira de Psiquiatria](#) (2009) destaca que pessoas afetadas pelo desastre podem apresentar temores excessivos, imenso estresse emocional, o que pode levar a desenvolver ou se transformar em um adoecimento grave.

Vivenciar episódios de desastre pode ter como efeito psicológico, o chamado Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).

[Coelho](#) (2011) afirma que o sentido atribuído pela vítima à situação de desastre, além de determinar a vivência atual, pode definir a forma como a recuperação da pessoa se desenvolverá. A significação do evento é complexa, pois reformula sentidos a respeito do passado, o momento presente e todo o contexto social envolvido, expondo questões que precisam ser trabalhadas pela vítima. [Silva](#) (2013) descreve que, embora os eventos de desastres possam ser de difícil reparação, eles serão notados e enfrentados de maneiras distintas pelas pessoas. Cada sujeito envolvido possui uma percepção diferente sobre sua vida e a forma de perceber a experiência.

Ainda [Silva](#) (2013) afirma que, além de perceber os desastres de maneira específica e individual, o ser humano tem a aptidão de lidar com questões adversas, sendo possível assim encontrar a superação para o fato vivenciado. Tal aptidão é nomeada como resiliência, demonstrando a tendência para se adaptar diante do sofrimento. A resiliência é uma capacidade inerente de transformação e superação do ser humano, valorizando sua potencialidade em lidar com situações geradoras de sofrimento. A resiliência é vista como um processo dinâmico e subjetivo, no qual características individuais se relacionam com os fatores de risco e de proteção encontrados nos contextos em que a pessoa está inserida. Dessa forma, a resiliência tem sido descrita por [Oliveira](#) e [Morais](#) (2018) como o conjunto de processos sociais e psíquicos que facilitam o enfrentamento de situações adversas, resultando em adaptações e transformações positivas.

De acordo com [Matos](#) e [Silva](#) (2016), comunidades compostas por indivíduos solidários e que enaltecem sua cultura têm a capacidade de manter o humor frente às adversidades, assim como confiam e colaboram nas decisões tomadas por seus governantes. Portanto esses indivíduos são mais capazes de se recuperarem, formando uma comunidade resiliente.

Contudo, [Angst](#) (2009) sinaliza que a resiliência não é uma capacidade a ser ganhada, mas sim aprendida de modos distintos. Nesse sentido, a autora destaca que é importante que se realize programas sociais e que ocorra o empenho das instituições, bem como o dos profissionais, objetivando o ensino e a promoção da resiliência para a população.

Assim, a resiliência é uma habilidade importante de ser desenvolvida pelo ser humano, principalmente em situações adversas, como os desastres. As pessoas que são vítimas de desastres necessitam de diversos tipos de apoio, tais como os disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de Organizações Não Governamentais (ONGs), de voluntários, governo e psicólogos (Weintraub *et al.*, 2015). Pacheco e Souza (2016) descrevem a importância da Defesa Civil, outro órgão de apoio importante, frente a situações de desastres e calamidades, visto que o órgão possui o papel de adotar ações preventivas e assistenciais, a fim de preservar a população e reestabelecer socialmente os danos provocados a partir de episódios de calamidades.

Todo desastre exige a atuação e organização de uma equipe especializada, composta por diversos profissionais, de diferentes áreas que, em conjunto, presta atendimento à população atingida em diversas frentes e possibilidades, a fim de contemplar e atender as necessidades urgentes e futuras das vítimas. Dentre os profissionais que compõem essa equipe, destaca-se o psicólogo. Segundo o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005), o psicólogo possui o dever de oferecer seus serviços profissionais à sociedade e aos familiares frente às situações de calamidade pública ou de emergência, sem visar benefícios pessoais.

Dadas as várias ações da Psicologia em circunstâncias específicas de emergências ou desastres e o debate realizado pela Comissão Nacional de Psicologia na Gestão Integral de Riscos e de Desastres, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) divulgou uma nota técnica para que tais ações fossem norteadas. Por meio desta Nota Técnica, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2016) destaca a relevância do vínculo da Psicologia com as políticas e estratégias do SUS nos três âmbitos de Governo (Municipal, Estadual e Federal) que visam a redução dos riscos da população e profissionais da saúde diante de situações de epidemias, desastres socioambientais e tecnológicos, assim como a ampliação de planos de saúde mental e atenção psicossocial e a assistência na elaboração de normas e guias de atenção e cuidado nestas circunstâncias.

Nessa perspectiva, a atuação do psicólogo na área de desastres é realizada nas três fases: pré-desastre, durante o desastre e pós-desastre. Durante essas fases, o psicólogo poderá avaliar os indivíduos conforme

suas particularidades, para que assim utilize intervenções necessárias, visando a minimização do sofrimento (Paulino & Franco, 2018). O psicólogo, ao atuar em situações de desastres, deve priorizar e estimular o desenvolvimento da resiliência nas pessoas afetadas, pois permitirá que os indivíduos encontrem possibilidades de enfrentamento do evento, assim como dos danos sofridos. Nessa perspectiva, é importante refletir sobre o trabalho e suporte que deve ser fornecido para essas pessoas, com o objetivo de reduzir os danos gerados e incentivar a superação (Weintraub *et al.*, 2015).

A atuação do psicólogo durante situações de desastres deverá ser pautada por uma abordagem ampla e prática. Inicialmente, deve-se prestar orientações à comunidade afetada, com foco na recuperação individual e coletiva, neste momento, o psicólogo deve auxiliar a população na criação de uma estrutura social, para que todos possam prestar apoio uns aos outros. Além disso, ele deve adaptar suas práticas para prestar atendimento aos envolvidos de forma individual ou grupal. (Alves *et al.*, 2012).

Para Ornell *et al.* (2020), um dos cuidados essenciais para sociedades que foram vítimas de emergências e desastres é o provimento de primeiros socorros psicológicos, porém não existe um protocolo universal ou diretrizes estabelecidas para práticas de apoio psicossocial mais eficazes. De acordo com Melo e Santos (2011), em situações de emergências os psicólogos podem atuar direta ou indiretamente. A atuação direta diz respeito ao atendimento às vítimas que sofrem a emergência, por meio de uma escuta atenta, entrevistas de apoio, ou sendo portadores de informações básicas e precisas, que possam contribuir para que o indivíduo se situe diante de um acontecimento conturbado. A atuação indireta envolve a participação na orientação psicológica de agentes que atuam na resposta às diversas ocorrências. Os indivíduos que trabalham em emergências devem ter consciência dos possíveis impactos que determinados desastres provocam em si mesmos, ou seja, devem se resguardar, estando atentos à complexidade do serviço e reconhecer suas próprias limitações. Melo e Santos (2011) apontam também que se torna extremamente importante esse trabalho voltado às repercussões emocionais de fatores estressantes, que atingem equipes de atendimento em situações de desastres. Esse trabalho poderá ajudar a conduzir a definição de métodos que melhor os ajudem a realizar as tarefas.

[Alves et al.](#) (2012) ressaltam a importância de o psicólogo estar atento a pessoas mais vulneráveis, é fundamental intervir junto à família e valorizar os recursos da comunidade. Além de identificar pessoas propensas a desenvolver TEPT, tendo em vista a situação vivenciada, afirmam que técnicas como entrevista psicológica aliada à escala de medição de estresse, podem fazer com que o indivíduo reelabore a experiência vivenciada, favorecendo uma tendência menor de desenvolver transtornos psicológicos.

[Gonçalves](#) (2020) complementa que as intervenções psicológicas visam reduzir o estresse agudo que é gerado a partir da experiência traumática, priorizando que o sujeito recupere sua dominância cognitiva de agir e sentir a situação. Ainda enfatiza a essencialidade dessas ações serem breves e focalizadas no problema para que as vítimas consigam encarar o que viveram e tentem buscar a resiliência. Outras questões devem ser levantadas, o intuito é de compreender se a vítima está de fato recebendo a assistência necessária, podendo questionar suas reais necessidades e preocupações atuais. Após isso, o profissional deve aproximar o indivíduo do seu grupo social, procurando identificar familiares e amigos que possam ter recursos para auxiliá-lo. Por fim, é de extrema importância repassar informações, sendo essas faladas ou escritas, com o objetivo de impulsionar a resiliência e o enfrentamento das vítimas perante a tragédia vivenciada.

De acordo com [Paulino](#) e Franco (2018), as ações aplicadas no pós-desastre têm por objetivo avaliar o sofrimento psíquico e atender as vítimas, bem como angariar dados para que atuações futuras sejam mais eficientes. O psicólogo irá averiguar as consequências provocadas pelo desastre, para aperfeiçoar as respostas em ocorrências semelhantes ao que já foi evidenciado.

Ainda [Farias et al.](#) (2013) destacam que a Psicologia no contexto de pós-desastres procura reduzir o estresse agudo, estimulando o indivíduo a restaurar seu domínio cognitivo, proporcionando que ele compreenda de forma racional o evento ocorrido, organizando-se psiquicamente. Ademais, torna-se importante restaurar e aumentar a capacidade adaptativa do indivíduo.

Segundo [Rey](#) (2004), o psicólogo que atua em situações de desastre precisa compreender o indivíduo nos seus aspectos subjetivos, que incluem o emocional e simbólico, bem como o social de forma

complexa, pois a constituição do homem é interligada ao contexto social no qual ele está inserido. Assim, o psicólogo pode colaborar com o treinamento e a atuação junto a equipes multiprofissionais e interdisciplinares, implementando ações que colaborem com a prevenção de desastres, por meio de educação comunitária, fortalecimento da resiliência da comunidade, para que seja desenvolvida uma cultura de prevenção aos fatores geradores de risco. [Coêlho](#) (2007) propõe que as ações dos psicólogos estejam voltadas para a área social, elaborando pesquisas sobre a concepção de risco, bem como desenvolvendo métodos eficazes de administração de risco, adotando uma perspectiva social e preventiva na Psicologia, elaborando novos modelos teóricos de atenção à saúde.

De acordo com [Machado](#) e Moraes (2017), no decorrer dos últimos anos, a Psicologia brasileira vem estudando o fenômeno desastre, que ainda é considerado como um acontecimento extremamente difícil de entender, principalmente quanto aos seus efeitos a longo prazo na subjetividade humana.

[Albuquerque](#) (2008) resalta a importância de um trabalho em sociedade realizado pelos agentes sociais envolvidos na situação quando algum desastre ocorre. Esse trabalho deve ser baseado na preparação da comunidade para o confronto da probabilidade de ocorrência do fenômeno, instruindo todas as pessoas para que reconheçam e deem a atenção necessária aos sinais que antecedem os desastres. Afinal, a análise social do desastre acontece pensando em uma continuidade do comportamento e não apenas em uma ruptura. Dessa instrução realizada na comunidade surge algo de extrema importância para os psicólogos: a compreensão do risco do desastre é um ponto de muita importância para a sua mitigação. Ainda para [Albuquerque](#) (2008), as fases posteriores ao desastre (mitigação, preparação e recuperação) dependem em grande parte das ações que a sociedade em conjunto decide tomar, ou seja, quanto mais preparada e mais organizada a sociedade estiver, mais e melhores condições para superar os desastres a que foi submetida ela encontrará.

Em suma, ao atuar em pré-desastres, o principal papel do profissional da Psicologia é o de orientar a comunidade sobre como trabalhar de forma unida a fim de minimizar os danos (tanto psicológicos quanto físicos) às vítimas e também às famílias envolvidas, sempre com muita informação e aconselhamento ([Paulino](#) & Franco, 2018). Já na atuação durante o

desastre, de acordo com [Souza](#) (2017), o psicólogo pode se envolver de diversas formas, porém, o trabalho mais fundamental, neste momento, é o de acolhimento das vítimas que sofreram de alguma forma com o acontecimento, com empatia, respeito, cuidado e ética. Ao mesmo tempo, é de extrema importância que os psicólogos amparem os outros profissionais que estiverem envolvidos na situação, pois estes também sofrem os efeitos. No pós-desastre, [Farias et al.](#) (2013) evidenciam que o profissional deve ajudar a comunidade a entender o que aconteceu e a se adaptar à nova vida depois do desastre.

Nesta perspectiva, não só o Brasil, mas a maioria dos países do mundo enfrenta, atualmente, uma pandemia de um novo vírus, o COVID-19, que demandou que os psicólogos atuassem na linha de frente. Para um cenário como este, novo e desconhecido, [Ornell et al.](#) (2020) sugerem alguns fatores principais para um bom desenvolvimento de estratégias de saúde mental: a atuação de uma equipe multidisciplinar de saúde mental que inclua psiquiatras, enfermeiros, psicólogos clínicos e outros profissionais da saúde; uma comunicação clara e verdadeira ao apresentar atualizações regulares e precisas sobre o surto do vírus; e o estabelecimento de um aconselhamento psicológico seguro on-line, via aplicativos ou dispositivos.

Portanto, considera-se importante questionar qual a atuação do psicólogo frente às situações de desastres. Diante disso, os objetivos da presente pesquisa foram: investigar como é a atuação do psicólogo frente a situações de desastres com as pessoas acometidas por estas tragédias; investigar também as funções desempenhadas por psicólogos no acolhimento às populações atingidas por desastres (natural ou não) e caracterizar o papel do psicólogo em equipe multidisciplinar frente a situações de desastres.

Método

A presente pesquisa se configurou como qualitativa com delineamento de pesquisa de campo. O método qualitativo, de acordo com [Neves](#) (1996), possui como objetivo a obtenção de dados descritivos que possam demonstrar os sentidos dos fenômenos no mundo social. Além disso, busca diminuir a distância entre o pesquisador e o pesquisado, entre o contexto e a ação em si e entre a relevância teórica e os dados apresentados ([Spink](#), 2003).

Participantes

Participaram da pesquisa cinco psicólogas que atenderam vítimas de desastres naturais ou causados pelo homem. Para a escolha dos participantes foram adotados como critérios de inclusão: o profissional formado em Psicologia, de ambos os sexos, com idade acima de 21 anos, com experiência superior a um ano no atendimento de vítimas de desastres. Como critério de exclusão: psicólogos que tinham experiência na área investigada, mas estavam sem atuar no campo há mais de três anos; psicólogos aposentados ou afastados por licença de saúde.

Em termos de dados demográficos, as cinco participantes se declararam como sendo do gênero feminino, com idades entre 33 a 61 anos. As participantes são formadas em Psicologia com tempo de experiência que variou de 11 a 39 anos. Possuem pós-graduação *lato-sensu*, tendo especializações nas áreas de desastres e catástrofes, psicodrama, terapia de casal e familiar, terapia sistêmica, avaliação de ansiedade e depressão, intervenções metodológicas decorrentes do estresse pós-traumático, psicoterapia e orientação analítica, psicoterapia com criança e adolescente e Terapia cognitivo-comportamental (TCC). Dentre as profissionais, três delas possuem mestrado em pediatria, medicina voltada para doenças crônicas, psicologia clínica e doutorado em psicologia clínica. No que diz respeito à trajetória profissional, já atuaram em situações de desastres, como os deslizamentos na região serrana do estado do Rio de Janeiro, o incêndio na Boate *Kiss* em Santa Maria/RS e o acidente aéreo do clube de futebol Chapecoense (Chapecó/RS); duas participantes tiveram experiências internacionais, como nas missões no Texas, estado do país Estados Unidos da América, e terremoto na Espanha.

Instrumento

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturado composto por 7 perguntas semiabertas. A primeira parte solicita informações de dados demográficos, tais como gênero, idade, formação acadêmica e tempo de experiência atendimento a pessoas vítimas de desastres. A segunda parte colhe informações por meio de perguntas semiabertas, a respeito de como é realizado o trabalho na área de desastres e qual o dever do psicólogo nesse contexto.

Procedimentos de Coleta de Dados

Foi realizada uma busca na internet por instituições e psicólogos que atuem na área de desastres. Após a busca, os profissionais foram convidados para participar da pesquisa. Assim que houve o aceite das participantes, as entrevistas foram agendadas via aplicativo de mensagens de celular, em dia e horários definidos pelas participantes. O TCLE foi enviado por e-mail para as participantes, assinados, digitalizados e devolvidos para as pesquisadoras.

A entrevista com cada participante foi realizada de forma remota, por meio de plataforma digital de videoconferência, conduzida por uma dupla de pesquisadoras e o áudio foi gravado para posterior transcrição.

Procedimento de análise de dados

O áudio das entrevistas foi transcrito na íntegra. Na condição de pesquisa qualitativa, os dados coletados foram examinados e compilados a fim de atingir os objetivos da pesquisa. Segundo [Silva et al.](#) (2005), a técnica de análise de conteúdo tem por objetivo a descrição objetiva e sistêmica do que é manifesto na comunicação, essa ferramenta permitiu que as pesquisadoras construíssem significados diante do discurso exteriorizado pelas participantes. Para utilização desse conteúdo, também foi realizada a condensação dos dados que, depois, foram comparados com as temáticas tratadas pela pesquisa. Adiante, foi feita a interpretação referencial dos dados com o objetivo de buscar um sentido mais amplo das respostas.

Ressalvas éticas

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovada sob o número de protocolo CAAE: 24860319.2.0000.5512 e seguiu as normas estabelecidas pela [Resolução nº 510/2016](#) do Conselho de Saúde (2016) acerca de pesquisas com seres humanos nas Ciências Humanas e do [Código de ética profissional do psicólogo](#) (2005).

A presente pesquisa visou promover o profissional por meio de seu discurso, suas reflexões acerca da atuação e seus objetivos na área de desastres, bem como ampliar conhecimentos, permitindo ao

participante que se posicionasse de acordo com sua vivência. Durante o desenvolvimento, as pesquisadoras ficaram disponíveis para esclarecer quaisquer dúvidas que poderiam surgir. Considera-se que os riscos da pesquisa foram baixos, uma vez que as informações solicitadas eram estritamente relacionadas à atuação profissional, na qual o participante pôde se sentir livre para responder ou não aos questionamentos.

Resultados

A presente pesquisa contou com a participação de cinco psicólogas com especializações na área de desastres e emergências. Para preservar a identidade das participantes, estas foram identificadas por nomes fictícios: Aline, Bianca, Bruna, Camila e Laura.

Para a análise do discurso das participantes foi adotado a análise de conteúdo. Neste sentido, inicialmente, foi realizada a descrição e condensação dos dados. Posteriormente, foi feita a comparação entre os conteúdos convergentes e divergentes levantados pelas participantes. ([Triviños](#), 1987). Assim, a partir da análise e seleção de temas principais, foram elaboradas onze categorias de análise, descritas nos tópicos seguintes.

Histórico profissional na área de Desastres

As psicólogas entrevistadas reportaram como iniciaram suas carreiras na área de desastres e quais foram os estudos e as especializações realizadas. De acordo com os relatos, foi possível identificar que duas ingressaram por atuarem no campo hospitalar, duas iniciaram a partir de trabalhos voluntários e uma se aprofundou na área realizando cursos no exterior. Todas destacaram que depois que entraram na área descobriram uma vocação e uma paixão, sempre se dedicando totalmente ao melhor atendimento possível.

Principais objetivos no atendimento às vítimas

De acordo com os discursos das participantes Bruna e Aline, as vítimas de desastres possuem necessidades no seu atendimento, portanto, algumas questões

são avaliadas para que a psicóloga consiga atendê-las. Segundo Aline e Laura, os objetivos traçados no atendimento às vítimas incluem: proporcionar alívio do sofrimento, organização emocional, retomada da realidade e facilitar a autonomia das vítimas. Aline afirmou: “(...) O objetivo inicial é a redução de danos, o alívio do sofrimento é uma adequação, uma retomada de realidade, é uma estrutura e uma estratégia para que a gente possa então dar um espaço adequado para esse cuidado”.

Atuação do psicólogo nos desastres

Conforme os temas abordados pelas participantes, a atuação do psicólogo no campo de desastres dependerá do tipo de evento (desastre) e condições apresentadas. Segundo as psicólogas entrevistadas, o psicólogo deve desempenhar trabalho humanitário e psicológico, mais como um gerenciador de crise, dando acolhimento, prestando apoio no cadastramento e encaminhamento de vítimas para os serviços necessários, verificando as principais necessidades das pessoas perante o desastre. A profissional deve estar disponível para apoiar a vítima no que for necessário, ajudando-a se organizar, dando atenção e validando os seus sentimentos. Nessa perspectiva, Bruna discorreu: “Os primeiros cuidados psicológicos são um paralelo disso, é tu dar a tua primeira atenção, é tu estabilizar a pessoa em crise”.

As participantes descreveram que realizam diferentes intervenções, que vão sendo implementadas dependendo do tipo de desastre e se é antes, durante ou após o desastre, sendo essas condições norteadoras do planejamento e da intervenção prática. Elas descreveram uma atuação preventiva ao desastre, voltada para mitigação e psicoeducação de comunidades vulneráveis e em risco. Pontuaram a importância de treinar e capacitar a população no enfrentamento de desastres e das equipes de atendimento também, a fim de reduzir danos e viabilizar a reconstrução da vida das pessoas atingidas e do espaço e funcionamento da comunidade.

De acordo com as participantes, há uma abrangência na atuação da Psicologia em desastres. A profissional, muitas vezes, não trabalha diretamente com as vítimas, mas no gerenciamento de crise, averiguando as condições do local e, até mesmo, levantando quantos profissionais serão necessários para desempenhar as tarefas.

Bianca destacou: “Então, o psicólogo acaba atuando muito mais como um gerenciador de crise, por exemplo, saber quantos profissionais vamos precisar, se é preciso montar um abrigo ou se precisamos de uma pessoa para ficar com as crianças (uma recreacionista), um policial para prevenir abuso”.

De acordo com as psicólogas entrevistadas, a partir dessa gama de possibilidades de atuação, a psicóloga deve desempenhar o trabalho humanitário e psicológico apoiado também em planejamento, organização e intervenção prática. Os primeiros-socorros psicológicos destacam-se como uma das estratégias iniciais visando a estabilizar a vítima, focando em questões e decisões práticas, que necessitam de ser enfrentadas durante a crise. Nesta perspectiva, Bruna discorreu: “Os primeiros cuidados psicológicos são um paralelo disso, é tu dar a tua primeira atenção, é tu estabilizar a pessoa em crise [...] ela é uma intervenção focada, é uma intervenção prática, muito prática”.

Outro aspecto abordado se refere à disponibilidade da psicóloga em apoiar a vítima no que for necessário. De acordo com Bianca, a profissional não deve ser inflexível e desempenhar apenas as funções esperadas do psicólogo, aprendidas em sua formação; ela deve estar sensível às necessidades do momento, podendo executar tarefas que colaborem para amenizar os efeitos do desastre e ajudar as pessoas, uma vez que faz parte do apoio psicossocial exercer atividades básicas quando for preciso. Nas palavras dela: “[...] então ela atua no que for necessário, não é porque eu sou psicóloga que eu não vou dobrar uma roupa de doação ou arrecadar alimentos. Enfim, a gente faz o que for necessário, isso é o apoio psicossocial”.

Segundo as psicólogas, os atendimentos psicológicos ocorrem onde for possível e viável de serem realizados, nas palavras de Camila: “em escola, quadras ou às vezes a gente fazia de baixo das árvores, depende! (risos). Não é assim, tem esse ‘lugarzinho’, tudo vai depender de como realmente está o local e como estão as pessoas”. Outro aspecto abordado se refere a fazer o que for necessário para ajudar as pessoas e a equipe, a fim de prestar serviços úteis e importantes nas circunstâncias tão desfavoráveis e adversas que podem ser resultantes de um desastre. Camila afirmou que as profissionais podem ser vistas como invasoras dentro da comunidade, ocupando o espaço que já foi afetado pelo desastre e, por causa disso, também faz parte do trabalho refletir e agir com respeito no manejo dessas situações.

Como deveres foram ressaltados pelas participantes, a ética e capacitação profissional, porque se o psicólogo não estiver preparado para atuar no desastre pode se tornar uma vítima ao longo do processo. As psicólogas entrevistadas ressaltaram a importância da conduta ética e do respeito que deve existir com os outros profissionais envolvidos no atendimento ao desastre.

Uma habilidade fundamental que a psicóloga deve apresentar nesse contexto de atuação é a agilidade, a celeridade. A psicóloga precisa estar ciente de qual será o seu papel. Além de lidar com as particularidades de cada desastre e com os fatores governamentais que podem dificultar a efetivação de intervenções.

Instituições que atuam em Emergências e Desastres

A participante Bruna apontou que na ocorrência de um desastre os órgãos governamentais e as instituições são acionados. Quando chegam ao local, há uma hierarquia interna, na qual a coordenação é realizada pelos órgãos governamentais e as instituições fazem o gerenciamento frente ao desastre.

As participantes descreveram as instituições que atuam em Emergências e Desastres no cenário brasileiro, dando destaque para os *Médicos Sem Fronteiras* e a *Cruz Vermelha* e ressaltando que ambas são organizações internacionais, cuja missão é prestar socorro em emergência às vítimas de calamidades e cuidados de saúde às pessoas afetadas.

Segundo a participante Aline, além dessas instituições reconhecidas internacionalmente, há a Rede de Apoio Psicossocial (RAP), que vem ganhando espaço como modelo no país. Essa rede foi criada, com base nas experiências de um grupo de psicólogos que atuaram em desastres e, atualmente, esses profissionais ministram cursos teóricos e técnicos.

A importância da Psicologia na área de Desastres

De acordo com as entrevistadas, a atuação do psicólogo nos primeiros socorros psicológicos é de grande importância, pois traz benefícios amplos e uma resposta imediata, trabalhando as questões de tensão emocional. Em relação à importância da Psicologia na área de desastres, a participante Aline sinalizou que a atuação do psicólogo ainda é pouco reconhecida no Brasil. Entretanto, nos dias atuais, a atuação está mais padronizada, levando em consideração

questões éticas, atuando de forma técnica e adequada. Aline destacou: *“Os primeiros socorros psicológicos podem promover um nível de não adoecimento de 50% da população que é assistida com qualidade, né!”*.

Atuação em equipe multidisciplinar

As participantes evidenciaram que a atuação em desastres e calamidades é realizada em equipe multidisciplinar, da qual a psicóloga faz parte, pois o atendimento às vítimas engloba muitas questões que não podem ser resolvidas apenas pelas psicólogas, como, por exemplo: atendimento médico, questões policiais, Defesa Civil, procedimentos de resgate e socorro. Neste sentido, é extremamente necessário que os profissionais envolvidos em todas as fases do desastre consigam se relacionar, conheçam os seus principais objetivos e se organizem, para que todos juntos possam promover o melhor atendimento às vítimas. As participantes concordaram que o processo de atendimento às vítimas em situação de desastre não acontece sem o apoio de outros serviços e profissionais.

Dificuldades encontradas na área de atuação em Desastres

Quanto às dificuldades relativas à atuação do psicólogo na área de desastres, as participantes reportaram que, no Brasil, há muita dificuldade de capacitação para psicólogos trabalharem nesse campo. Há falta de conhecimento necessário para a devida atuação, falta essa que pode desencadear dano psicológico relativamente intenso nas vítimas de desastres: *“(...) A gente tem uma dificuldade imensa de capacitar as pessoas no Brasil, de chegar aos lugares e poder instruir elas de como elas tem de realizar”*.

As psicólogas entrevistadas reportaram certa dificuldade de atuar quando os profissionais de outras áreas consideram o trabalho da Psicologia desnecessário. Segundo Aline, há também uma dificuldade gerada por questões políticas sobre quem deve e quem não deve comparecer aos desastres.

As participantes demonstraram preocupação acerca da ocorrência de desastres no Brasil, destacando dificuldades financeiras e estruturais do país. A atuação do psicólogo no Brasil foi comparada por duas psicólogas com experiências internacionais e ambas se sentiram mais amparadas e preparadas para esse tipo de atuação em outros países, tanto na capacitação quanto no respaldo dos gastos.

As participantes também opinaram sobre a pandemia por COVID-19, considerando-a como um dos piores desastres vivenciados, visto que despertaram os sentimentos de impotência, imprevisibilidade e medo. Camila afirmou: *“Então é uma catástrofe completamente diferente de campo! Pois você está lidando com o invisível, você não tem nada, é o invisível, o desconhecido que mata e que assusta.”*

Profissionais atuantes no desastre

Segundo as participantes, os profissionais que atuam em desastres são vítimas em terceiro grau, podendo manifestar sintomas de estresse, pois, de alguma forma, eles estão participando, vivenciando também a situação de desastre ou emergência. Há uma evocação de sentimentos diversos, contraditórios e intensos: no momento do atendimento às vítimas de desastres são comuns a empatia, gratidão e o pesar, tornando-se crucial o acolhimento por parte do psicólogo; mas os profissionais também podem se sentir estressados, angustiados, impotentes e impactados tanto com as situações vivenciadas pelas vítimas quanto com as presenciadas pelos profissionais. Deste modo, as participantes destacaram que são mantidos cuidados físicos e psicológicos com as psicólogas que atuam nos desastres. De acordo com Bruna, há uma recomendação de que se o psicólogo estiver vulnerável de alguma forma, ele é impossibilitado de realizar o trabalho em campo.

Desafios encontrados na área de Desastres

Durante as entrevistas realizadas, as participantes evidenciaram os principais desafios que são encontrados e precisam ser superados no campo dos desastres dentro da Psicologia. O tópico mais comentado foi o desafio de fazer as pessoas entenderem que não basta apenas acreditar que pode realizar o trabalho, o profissional precisa estar devidamente capacitado para isso. E essa capacitação, no Brasil, ainda é um pouco falha, principalmente por não ser abordada durante os anos de graduação em Psicologia. A participante Bianca discorreu: *“Deixa eu pensar... Falando por mim! Tem muita gente que quer ajudar, quer atuar, mas chega na hora e vê que é muito mais tenso do que se imagina. Então, por exemplo, imediatamente vamos lidar com mortos, vamos realizar o reconhecimento de vítimas, são coisas bem pesadas que nem todo mundo está pronto para isso”*.

Depois que o profissional já está atuando em situações de desastres, outros desafios aparecem, dessa vez mais relacionados com o trabalho em si. Para as participantes, a principal adversidade é a questão financeira, no sentido de que muitos países não têm os recursos necessários para a realização do trabalho da melhor forma possível.

Aspectos psicossociais relativos às vítimas

Para as profissionais entrevistadas, quando ocorrem situações de emergências ou desastres a população se comove com a situação e se une para ajudar, fazendo arrecadações de alimentos, roupas, abrigando umas às outras; é observado o aumento da solidariedade entre as pessoas da comunidade atingida, de comunidades próximas e, em casos de desastres que atingem grande número de vítimas, do país todo.

De acordo com as psicólogas entrevistadas, no momento de intenso sofrimento e sensação de desamparo, para além dos cuidados práticos, médicos e psicológicos, pode ser importante para as vítimas questões que envolvam religião e espiritualidade. Camila afirmou: *“A religião, a espiritualidade nessa hora, seja qual for a religião e independente, faz uma diferença...”*. De acordo com uma das psicólogas, a cultura brasileira ainda apresenta intolerância religiosa. Percebe-se que para muitos é improvável a junção da religiosidade e Psicologia. Aline destacou: *“Então assim, culturalmente aqui no país a gente é muito ignorante, porque as pessoas dizem assim ‘aí, isso não pode interferir, imagina, não pode ter religioso aqui porque vai misturar as coisas’... Não, não vai misturar(...)”*.

Segundo uma das psicólogas, além do apoio psicológico, é importante que o psicólogo possa oferecer à vítima outros tipos de apoio, inclusive o apoio religioso. Aline citou: *“A Psicologia das Emergências e dos Desastres é a única teoria que introduz como coparticipação terapêutica, lá no oitavo passo dos primeiros socorros psicológicos, quando a gente institui diretrizes de coping, a espiritualidade é uma, porque a gente tem de ofertar qual que vai ser a possibilidade de amparo e de conforto dessa comunidade. Quando a gente monta abrigo temporário, a gente bota todos os líderes religiosos lá, eu boto pastor, médium e padre, né? Por quê? Porque a gente tem de poder ofertar esse cuidado”*.

Discussão

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a atuação do psicólogo frente a situações de desastres. Neste sentido, foram realizadas cinco entrevistas com psicólogas que detêm experiência no campo. Considera-se que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, sendo possível investigar quais as funções desempenhadas por psicólogos no acolhimento às populações atingidas por desastres, bem como caracterizar o papel do psicólogo em equipes multidisciplinares frente a situações de desastre, investigando quais são as dificuldades encontradas no atendimento às vítimas e levantando na perspectiva dos psicólogos o que eles consideram ser o dever da Psicologia em situações de desastres.

[Paranhos](#) e Werlang (2015) definem o termo desastre não só como as grandes calamidades que podem gerar comoção em diversas pessoas, mas como eventos que podem impactar diferentes cidades e países. Logo, as emergências e os acidentes podem ser então geradores de crises, sendo capazes de atingirem um grupo de indivíduos, uma comunidade, um sistema ou uma nação.

A ocorrência de desastres pode causar danos e perdas irreparáveis. Nota-se que o sofrimento vivenciado pela vítima é um pesar devastador, do qual, em muitos casos, ela não conseguirá se reerguer sozinha. Sentimentos como impotência, esquiva a estímulos relacionados, medos e até sonhos aflitivos são muito comuns ([Roos](#) & Menezes, 2015). Há casos em que o sujeito pode ter manifestações psicológicas de forma multifacetada, ou seja, mostram-se episódios de desorganização psíquica e ansiedade com duração e temporalidade variável, e, ainda, podem ocorrer sensações de angústia, desamparo e desconhecimento ([Weintraub et al.](#), 2015). Esses sentimentos são compreensíveis, já que, na maioria dessas situações, além do trauma pelo ocorrido, o sujeito muitas vezes terá de lidar com diferentes tipos de perdas, como materiais, familiares ou até mesmo de um ou mais de seus membros físicos. Tais impactos psicológicos foram evidenciados pelas participantes, que reportaram que as vítimas podem apresentar ideação suicida, atitudes violentas, apresentando até mesmo quadros psicóticos.

Desta forma, nota-se a importância de as vítimas receberem apoio integral, buscando minimizar os danos gerados pela tragédia. Portanto, ao investigar o papel do psicólogo no campo de desastres, ressalta-se sua contribuição para a comunidade, bem como para o desenvolvimento de estratégias no atendimento às vítimas. A atuação do psicólogo em desastres é dividida em: pré-desastre, durante e pós-desastre. Ao longo dessas fases, o psicólogo poderá avaliar os indivíduos conforme suas particularidades para que, assim, utilize intervenções necessárias, visando a minimização do sofrimento ([Paulino](#) & Franco, 2018). No discurso das participantes, foi possível notar a descrição de intervenções relacionadas a cada fase. Contudo, elas não diferenciaram as intervenções de acordo com essas classificações. As participantes mencionaram reuniões em locais propícios a desastres que se enquadram na fase de pré-desastre, pois objetivam a prevenção e mitigação do risco de desastre. Elas abordaram também algumas situações em que estavam no local do desastre e deram todo o suporte às pessoas, evidenciando o trabalho fundamental de estabilização e acolhimento a vítima durante o evento. E, por fim, mencionaram ações que caracterizam o pós-desastre, que se trata da verificação das consequências do desastre, bem como a tarefa de ajudar as pessoas a entenderem o que aconteceu e incentivar a adaptação, ou seja, realizar ações como idas às casas das vítimas para verificar de que forma elas estavam e se precisavam de algum tipo de apoio

Na fase denominada de pré-desastre, a ação da psicóloga será de capacitação à prevenção. De acordo com uma das participantes, observou-se que nessa fase pode-se trabalhar com mitigação, prevenção, psicoeducação e capacitação. Para ela, muitas pessoas acreditam que o trabalho do psicólogo se dá apenas no momento em que o desastre acontece, porém a atuação no campo dos desastres é tudo que também pode ser feito para evitar sua ocorrência.

Além disso, as participantes verbalizaram atuações feitas em comunidades vulneráveis, nas quais se trabalhou possíveis riscos e seu fortalecimento, enquanto formas de prevenção dos desastres eram refletidas e discutidas. [Paulino](#) e Franco (2018) apontam que o trabalho, neste momento, é de participar da construção de uma sociedade protegida e hábil, ou seja, as intervenções são direcionadas para a minimização de danos futuros por meio da conscientização das pessoas acerca do risco e das medidas preventivas.

Por outro lado, mediante à ocorrência do desastre, o psicólogo pode trabalhar direta ou indiretamente. Segundo [Melo](#) e Santos (2011), a atuação direta diz respeito ao atendimento às vítimas que sofrem de emergência, por meio de uma escuta atenta, entrevistas de apoio ou fornecendo informações básicas e precisas. As psicólogas entrevistadas descreveram intervenções realizadas por elas que convergem com a atuação direta pontuadas pelos autores, pois, muitas vezes, o psicólogo será um gerenciador de crise, identificando as necessidades das pessoas e comunidade atingidas e provendo o cadastramento e encaminhamento das vítimas aos serviços pertinentes.

Ainda de acordo com [Melo](#) e Santos (2011), a atuação indireta do psicólogo envolve a participação na orientação psicológica de agentes que atuam dentro do desastre. Identificou-se esse aspecto no discurso de Bianca; ela apontou que, muitas vezes, a psicóloga será um gerenciador de crise, averiguando e organizando as necessidades do local. Deste modo, a atuação indireta do psicólogo também é considerada de extrema importância, pois os agentes atuantes nos desastres demandam cuidado e atenção para que executem seu trabalho de forma prudente e responsável. Nesta perspectiva, a participante Bruna ressaltou como é essencial a atuação do psicólogo no suporte aos profissionais, uma vez que todos os agentes de primeira resposta são considerados vítimas em terceiro grau, podendo também ser afetados e apresentar sintomas pós-traumáticos.

No atendimento às vítimas, [Gonçalves](#) (2020) discorre que as intervenções psicológicas visam a reduzir o estresse agudo, que é gerado a partir da experiência traumática, priorizando que o sujeito recupere sua capacidade cognitiva de agir e sentir a situação. Ainda enfatiza a necessidade destas ações serem breves e focalizadas no problema. Neste sentido, as participantes ressaltaram a importância dos primeiros cuidados psicológicos e de uma intervenção prática e focada em estabilizar a vítima.

Na esfera do pós-desastre, nota-se que a psicóloga se propõe a auxiliar o sujeito na compreensão racional do fato, incentivando sua organização psíquica e capacidade adaptativa. A participante Bruna discorreu que é necessário buscar a redução de danos e organização mental do indivíduo, incentivando seu protagonismo e sua reabilitação. [Farias et al.](#) (2013) destacam que para que se chegue a esse resultado deve ser oferecida às vítimas a oportunidade de utilizarem

a ajuda e o apoio de familiares e comunidade, bem como a oportunidade de esclarecer perspectivas futuras, a fim de proporcionar suporte para a pessoa. Juntamente, é importante que as vítimas notem a desvantagem de estagnarem diante da tristeza e busquem discutir soluções para poder seguir adiante.

[Silva](#) (2013) descreve que, embora os eventos de desastres possam ser de difícil reparação, eles serão notados e enfrentados de maneira distinta pelas pessoas. Cada sujeito envolvido possui uma percepção diferente da sua vida e da experiência. De acordo com a participante Camila, cada situação é singular e subjetiva, é uma questão resolvida internamente, cada sujeito responde de uma forma. Ainda [Silva](#) (2013) afirma que, além de perceber os desastres de maneira específica e individual, o ser humano tem a aptidão de lidar com questões adversas, sendo possível superar o fato vivenciado. Tal aptidão é nomeada como resiliência, que é definida como a capacidade inerente de transformação e superação do ser humano, valorizando sua potencialidade em lidar com situações geradoras de sofrimento.

[Braga](#) (2009) explica que a resiliência é definida como a capacidade do indivíduo de enfrentar as adversidades da vida, ser transformado por elas e conseguir superá-las, a partir dos mecanismos gerados por ele mesmo ou pela sociedade em que está inserido. Considera-se que, mesmo sendo um processo subjetivo, de acordo com as participantes, é possível auxiliar o sujeito estimulando sua resiliência, trazendo-o de volta à realidade, trabalhando sua autonomia e capacitando-o para conseguir enfrentar e superar a situação vivida.

Compreende-se que a resiliência é uma habilidade importante de ser desenvolvida pelo ser humano, principalmente em situações adversas, como os desastres. Nessa perspectiva, sinaliza-se como primordial a reflexão sobre o trabalho e suporte que devem ser fornecidos para essas pessoas, com o objetivo de reduzir os danos gerados e incentivar a superação ([Noronha et al.](#) 2009).

As participantes evidenciaram que, dentre as estratégias que podem ser adotadas, os primeiros socorros psicológicos são bem significativos, têm benefício amplo, sendo preconizados pela OMS. Camila complementou que se os primeiros cuidados psicológicos forem aplicados corretamente, podem reduzir em 50% o adoecimento na população assistida.

[Ornell](#) *et al.* (2020) discorrem que um dos cuidados essenciais para as sociedades assoladas por emergências e desastres é o provimento dos primeiros socorros psicológicos, porém afirmam que não existe um protocolo universal ou diretrizes estabelecidas para a execução dessas práticas de apoio psicossocial. Cada profissional tende a intervir de acordo com sua capacitação e experiência, condição que pode afetar a efetividade e eficácia dos primeiros socorros psicológicos e dificultar seu aperfeiçoamento.

Segundo os discursos de duas participantes, compreende-se que existem limitações no campo de desastres no Brasil. Bruna destacou que as instituições de ajuda humanitária no país tendem a ser precárias, pois faltam organização, estrutura e recursos econômicos necessários. [Ornell](#) *et al.* (2020) sinalizam que sendo o Brasil um país em desenvolvimento, impactado por uma desigualdade social importante, este apresenta baixos níveis de educação e cultura humanitária e cooperativa, não sendo possível prever os impactos de fenômenos de grande proporção na saúde mental ou na conduta da população brasileira.

[Trindade](#) e Serpa (2013) destacam que com a inclusão da Psicologia em emergências e desastres, torna-se possível a construção de abordagens que priorizem a subjetividade das pessoas, fundamentadas nas vivências dos sujeitos e no sofrimento psíquico em que se encontram. Com a inserção do profissional da Psicologia nas políticas públicas, certas ações favoráveis à comunidade podem ser desenvolvidas, além de proporcionar para as pessoas mais conhecimento e entendimento da prática dos psicólogos dentro dessas situações e também para capacitar o próprio psicólogo acerca do tema.

O [CFP](#) (2016) destaca a relevância do vínculo da Psicologia com as políticas e estratégias do SUS nos três âmbitos de Governo (Municipal, Estadual e Federal) que visam a redução dos riscos da população e profissionais da saúde diante de situações de epidemias, desastres socioambientais e tecnológicos, assim como a ampliação de planos de saúde mental, atenção psicossocial, assistência na elaboração de normas e guias de atenção e cuidado nessas circunstâncias. Acrescenta-se que é dever do Conselho Regional de Psicologia direcionar e supervisionar os profissionais da Psicologia que lidarão com as situações de emergências e desastres, certificando a legitimidade de inscrição e garantindo o registro dos atendimentos realizados, por meio de documentos legais.

Considera-se que o discurso das participantes está alinhado com as orientações do CFP, visto que elas destacaram que os deveres do psicólogo em desastres devem ser pautados na ética profissional, capacitação, postura ágil, empática e prática, além de respeitar a comunidade e equipe multidisciplinar.

Uma das maiores dificuldades reportadas pelas psicólogas entrevistadas na execução do trabalho em desastres foi a falta de capacitação para psicólogos que atuam na área de desastres e emergências. As participantes ressaltaram que muitas pessoas aparecem nos locais no pós-desastre e acreditam que estão preparadas para lidar com a situação, sendo que, por fim, acabam atrapalhando a recuperação da vítima, podendo causar ainda mais danos. Mas uma explicação plausível para essa capacitação deficitária é a falta de abordagem desse assunto no Brasil, já que os estudantes de Psicologia pouco aprendem ou não são treinados na graduação para atuar nessa área e cursos profissionalizantes específicos são raros no Brasil. O papel desse profissional é essencial para propiciar entendimento e acolhimento necessário ao indivíduo acometido por desastres. De acordo com as participantes, a Rede de Apoio Psicossocial vem se organizando e ministrando cursos teóricos padronizados a fim de capacitar psicólogos que atuem em desastres.

As participantes destacaram também que a atuação do psicólogo em situações de desastres junto à equipe multidisciplinar é de extrema importância. Conforme [Weintraub](#) *et al.* (2015), as pessoas que são vítimas de desastres necessitam de diversos tipos de apoio, tais como os disponibilizados pelo SUS, de ONGs, de voluntários, governo e de diferentes categorias de profissionais. Ainda segundo as psicólogas entrevistadas, em desastres diversas questões e necessidades aparecerão e demandarão diferentes serviços e profissionais, como médicos, policiais e Defesa Civil, portanto faz-se necessário o trabalho em equipe multidisciplinar. De acordo com [Alves](#) *et al.* (2012), o papel do psicólogo se faz igualmente fundamental nas equipes multidisciplinares que atendem as comunidades em desastres, já que seu foco será direcionado à saúde mental das pessoas, levando em consideração as subjetividades.

Segundo [Melo](#) e Santos (2011), os indivíduos que trabalham em emergências devem ter consciência dos possíveis impactos que determinados desastres provocam em si mesmos, ou seja, devem se resguardar,

estando atentos à complexidade do serviço e aprendendo a reconhecer suas próprias limitações. A entrevistada Bruna contou que há uma recomendação de que, caso o profissional de Psicologia esteja vulnerável de alguma forma, ele é impossibilitado de realizar seu trabalho. Ainda em relação às limitações dos profissionais, as participantes consideraram essa questão como sendo um desafio, visto que muitos profissionais de Psicologia que atuam em situações de desastres não compreendem seus limites e, muitas vezes, não estão capacitados profissional e nem emocionalmente para desenvolverem o trabalho.

[Melo](#) e Santos (2011) apontam também que se torna extremamente importante a realização de um trabalho voltado às repercussões emocionais que atingem equipes de atendimento em situações de emergências e de desastres. De acordo com as entrevistadas, diversos sentimentos aparecem no momento do atendimento às vítimas de desastres, entre eles o pesar e a empatia. Desta forma, o profissional que está atuando neste contexto é considerado vítima em terceiro grau, podendo manifestar sintomas de estresse. Portanto, segundo as participantes, é de extrema importância oferecer e prestar assistência aos profissionais, tanto físico quanto psicológico.

No que tange aos efeitos do desastre na comunidade, [Alves et al.](#) (2012) ressaltam que o atendimento e a intervenção voltados para família e a valorização dos recursos da comunidade têm gerado resultados promissores. Levando em consideração essa perspectiva, no apoio social, a psicóloga pode colaborar para o bem-estar da população.

Para [Matos](#) e Silva (2016), a resiliência comunitária está sustentada em alguns pilares conceituais, são eles: solidariedade, autoestima coletiva, identidade cultural, humor social e honestidade estatal. A solidariedade está ligada a uma causa que mobiliza a união da comunidade para enfrentamento de determinada situação, sendo um de seus resultados a formação de um grupo sólido e com relações de reciprocidade. A autoestima coletiva diz respeito aos sentimentos de pertencimento e orgulho do lugar onde se vive, sendo que o indivíduo desse lugar compartilha dos mesmos valores da comunidade. Nesta direção, as participantes descreveram que observaram em situações de desastres a solidariedade da comunidade aparecendo, pois muitas pessoas se dispõem a ajudar, a comunidade costuma colaborar com a doação de alimentos e oferta de abrigo aos que necessitam.

De acordo com [Alves et al.](#) (2012), existem, no Brasil, ainda poucos estudos que investiguem a atuação do psicólogo em desastres. Ainda de acordo com os autores, os estudos sobre o tema mostram que há a necessidade de novas análises que foquem nas reações psicológicas que as vítimas apresentam diante dos desastres. Portanto, novas pesquisas que esclareçam a atuação do profissional da Psicologia diante dos desastres são de extrema importância.

Uma das maiores dificuldades encontradas para a realização da presente pesquisa foi encontrar psicólogos que atuassem com desastres. Outra dificuldade encontrada foi em razão da pandemia de Covid-19, havendo maior dificuldade em encontrar psicólogos disponíveis para falar sobre o tema, pois muitos estavam envolvidos nas atividades ligadas à pandemia. Por outro lado, esse ponto acabou se tornando um adendo à pesquisa, pois proporcionou às pesquisadoras uma maior compreensão sobre quão complexa é a área de atuação em desastres, ao ouvirem relatos de profissionais que estavam na linha de frente e também por receberem algumas recusas de participação devido a prioridades na atuação diante da pandemia de Covid-19.

Dentre as limitações da presente pesquisa, destaca-se que o estudo foi realizado com cinco psicólogas, cujos discursos obtidos retrataram um recorte da realidade social. Não foi entrevistado nenhum profissional de outra área que compõe a equipe multidisciplinar e nem pessoas que já foram vítimas de situações parecidas com as que foram abordadas. Desse modo, considera-se que os dados obtidos não podem ser generalizados e, portanto, enfatiza-se a necessidade da realização de novos estudos, abrangendo um maior número de profissionais que atuam em desastres.

Conclusão

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível averiguar e compreender o papel da Psicologia frente a situações de desastres em suas diferentes fases: pré, durante e pós-desastre, no atendimento às vítimas e à comunidade, bem como levantar quais são as intervenções realizadas, os desafios e deveres do psicólogo durante a atuação.

Conclui-se que o trabalho do profissional da Psicologia no campo dos desastres é de extrema importância para as vítimas, para os familiares, a comunidade como um todo e até para os profissionais envolvidos, e que não é necessária uma atuação apenas depois que o desastre já ocorreu, mas há, além disso, toda uma preparação no pré-desastre em locais que possuem maior propensão ao acontecimento desses eventos. Destaca-se também que a execução destes atendimentos não é de exclusividade da Psicologia, havendo a necessidade de uma equipe multidisciplinar estar presente para atender as vítimas de modo integral. Deste modo, a atuação do psicólogo pode contribuir em duas direções: com atendimento e escuta aos cidadãos acometidos por desastres, além de propor aos residentes em áreas de riscos treinamento de respostas e construção de plano de emergência, com o objetivo de promover o seu fortalecimento e diminuir os riscos relativos à ocorrência de desastres.

Com os resultados obtidos, foi possível constatar que durante a atuação dos psicólogos dentro da área de desastres, evidenciam-se alguns objetivos principais, que são: o acolhimento das pessoas envolvidas; o cuidado com o sentimento dessas pessoas; a tentativa de amenizar a dor e os traumas que podem ser originados; e o auxílio na reorganização da vida de todos os envolvidos, sempre com muita cautela, atenção, muito profissionalismo e muita ética. Identificou-se nos discursos das participantes também a importância da capacitação profissional, visto que não basta querer fornecer ajuda, mas é importante também estar preparado para atender a demanda advinda do desastre.

Levando isso em consideração, pode-se destacar também o outro lado da atuação, que são os desafios encontrados. Os principais que foram levantados pelas participantes são: a falta de recursos disponíveis para os profissionais, a ausência de preparo profissional e a subestimação da importância da Psicologia na área, por ser ainda pouco compreendida, além de que o manejo dos próprios sentimentos pode vir a ser uma dificuldade no atendimento às vítimas de desastres.

Com o levantamento desses dados sobre a atuação do psicólogo frente a situações de desastres seria de grande importância e relevância para a área que novos estudos fossem realizados, para aprofundamento do envolvimento da Psicologia neste campo pouco explorado no Brasil.

Contribuições dos autores

Silva, B. G. A. participou da elaboração do resumo do artigo traduzindo o texto para o idioma inglês. Igualmente se envolveu na formulação da pergunta de pesquisa, metodologia, participou das entrevistas e apuração de resultados. Silva, I. R. atuou na formulação da pergunta de pesquisa, metodologia, entrevistas, apuração de resultados e conclusão. Já Fernandes, L. F. B. atuou na orientação e acompanhamento de todas as fases da pesquisa (estabelecimento de objetivo, metodologia, apuração de dados e resultados e conclusão).

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Albuquerque, F. J. B. (2008). A psicologia social dos desastres. *SciELO Books*. <https://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-21.pdf>
- Alves, R. B., Lacerda, M. A. D. C., & Legal, E. J. (2012). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. *Psicologia em estudo*, 17(2), 307-315. <https://www.scielo.br/j/pe/a/5wCT3zj4Bg9XBrmL3wft8D/abstract/?lang=pt>
- Angst, R. (2009). Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura. *Psicologia argumento*, 27(58), 253-260. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-540796>
- Associação Brasileira de Psiquiatria. (2009). *Intervenção em desastres e catástrofes no contexto da saúde mental* [Cartilha de capacitação]. <https://www.saude.sc.gov.br/index.php/documentos/atencao-basica/saude-mental/desastre-de-origem-natural/2961-cartilha-catastrofes-2009/file>

- Braga, L. A. V. (2009). *Terapia Comunitária e Resiliência: histórias de mulheres* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório institucional da UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5177?locale=pt_BR
- Coêlho, A. E. L. (2011). A Prática da Psicologia em Emergências e Desastres: Perspectivas Sociais e Preventivas. *Centro Universitário de João Pessoa*. <https://emergenciasedesastres.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/17/2011/10/TEXTO-ANGELA-COELHO.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2005). *Código de ética profissional do psicólogo*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Farias, L. C., Scheffel, R. T., & Schruher Junior, J. (2012). *Atuação do psicólogo nas emergências e desastres*. [Monografia, Faculdade Guilherme Guimbala]. <http://www.abrapede.org.br/wp-content/uploads/2013/01/Atua%C3%A7%C3%A3o-do-Psic%C3%B3logo-nas-Emerg%C3%Aancias-e-Desastres.pdf>
- Favero, E., Sarriera, J. C., & Trindade, M. C. (2014). O desastre na perspectiva sociológica e psicológica. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 201-209. <https://doi.org/10.1590/1413-737221560003>
- Gonçalves, C. D. (2012). "Desastres naturais". Algumas considerações: vulnerabilidade, risco e resiliência. *Territorium*, 19, 5-14. https://www.academia.edu/2321500/Desastres_Naturais_Alguas_Considera%C3%A7%C3%B5es_Vulnerabilidade_Risco_e_Resili%C3%Aancia
- Gonçalves, R. S. P. (2020). *O trabalho do psicólogo em situações de emergências e desastres*. [Monografia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul]. Biblioteca Unijui. <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/6573>
- Machado, I. F. O., & Moraes, R. C. P. (2017). Psicologia sócio-histórica, emergências e desastres. *Revista Fafibe On-Line*, 10(1), 124-137. www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/66/26032018155326.pdf
- Machado, M. D. S., Machado, S. W. S., & Cohen, S. C. (2009, 18-20 de novembro). Impactos psicossociais causados pela inundação de 2008 em Petrópolis, RJ [Anais de evento]. *V Seminário Internacional da Defesa Civil-DEFENCIL*, São Paulo, Brasil. <https://defesacivil.uff.br/wp-content/uploads/sites/325/2020/10/Impactos-psicossociais-causados-pela-inundao-de-2008-em-Petrpolis-RJ-Defencil.pdf>
- Mansano, S. R. V. Quando eu soltar a minha voz sobre Brumadinho por favor entenda: aprendendo com nossa história em um janeiro de lama e dor. *Organizações e Sustentabilidade*, 7(2), 11-15. <https://doi.org/10.5433/2318-9223.2019v7n2p11>
- Matos, R., & Silva, J. C. S. (2016). Uma contribuição da ergonomia comunitária e da resiliência comunitária em situação de desastres: o caso de mãe Luiza, Natal-RN. *Revista Ação Ergonômica*, 10(2). <https://www.revistaacaoergonomica.org/journal/abergo/article/62799b68a953955b7514e114>
- Melo, C. A., & Santos, F. A. D. (2011). As contribuições da psicologia nas emergências e desastres. *Psicólogo informação*, 15(15), 169-181. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092011000100012
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, 1(3), 1-5.
- Noronha, M. G. R. D. C., Cardoso, P. S., Moraes, T. N. P., & Centa, M. D. L. (2009). Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família? *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 497-506. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000200018>
- Oliveira, A. T. C., & Moraes, N. A. D. (2018). Resiliência comunitária: um estudo de revisão integrativa da literatura. *Trends in Psychology*, 26(4), 1731-1745. <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-02Pt>
- Organização das Nações Unidas (ONU). (2015, 24 de novembro). Brasil está entre os 10 países com maior número de afetados por desastres nos últimos 20 anos. Nações Unidas Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/71500-onu-brasil-est%C3%A1-entre-os-10-pa%C3%ADses-com-maior-n%C3%BAmero-de-afetados-por-desastres-nos-%C3%BAltimos-20>
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
- Pacheco, R. F., & Souza, S. R. E. (2016). A psicologia junto às políticas públicas em situações de emergências e desastres. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 2(3), 131-149. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/14252>
- Paranhos, M. E., & Werlang, B. S. G. (2015). Psicologia nas emergências: uma nova prática a ser discutida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(2), 557-571. <https://doi.org/10.1590/1982-370301202012>
- Paulino, F. A. & Franco, G. F. (2018). A atuação do psicólogo frente às emergências e desastres. *Ciências Humanas e Sociais*, 5(1), 81-98. <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/5309>
- Rafaloski, A. R., Zeferino, M. T., Forgearini, B. A. O., Fernandes, G. C. M., & Menegon, F. A. (2020). Saúde mental das pessoas em situação de desastre natural sob a ótica dos trabalhadores envolvidos. *Saúde Em Debate*, 44. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E216>

- Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Rey, F. L. G. (2004). *O social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito* [V. L. M. Joscelyne, Trad.]. Vozes.
- Roos, D., & Menezes, T. (2015). Desastres aéreos e intervenções psicológicas: Prevenção do transtorno de estresse pós-traumático. *Revista Conexão Sipaer*, 6(1), 61-64. <http://conexaosipaer.com.br/index.php/sipaer/article/view/303>
- Saito, S. M. (2015). *Desastres Naturais: conceitos básicos*. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. http://www.inpe.br/crs/cretealc/pdf/silvia_saito.pdf
- Sanguebuche, S. D. F. (2016). *A psicologia e as perspectivas frente a emergências e desastres* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório digital UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149391>
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações rurais & agroindustriais*, 7(1), 70-81. <http://www.spell.org.br/documentos/ver/27745/o-uso-da-analise-de-conteudo-como-uma-ferrament-->
- Silva, V. B. (2013). *A psicologia nas situações de emergências e desastres: uma reflexão humanista*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual da Paraíba]. Biblioteca Digital da Universidade Estadual da Paraíba. <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2223>
- Souza, N. L. F. (2017). A atuação da psicologia em desastres e emergências. *Revista da Escola Superior de Guerra*, 27(55), 81-93. <https://doi.org/10.47240/revistadaesg.v27i55.227>
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15(2), 18-42. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>
- Trindade, M. C., & Serpa, M. G. (2013). O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(1), 279-297. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100017
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.
- Weintraub, A. C. A. D. M., Noal, D. D. S., Vicente, L. N., & Knobloch, F. (2015). Atuação do psicólogo em situações de desastre: reflexões a partir da práxis. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 19(53), 287-298. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0564>